

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

VESTES LARANJA PARA O OLHO DA CIDADE

Julia Remor de Oliveira

Julia Remor de Oliveira | Mestrado
Linha de Pesquisa | PCI
Orientador | Prof Dr Leonardo Munk

Formada em Licenciatura e Bacharelado em Teatro pela Universidade Estadual de Santa Catarina. Pesquisadora na área de intervenção urbana, é integrante do GRUPO ETC, fundado em 2011 na cidade de Florianópolis. Grupo este que pesquisa procedimentos e estratégias de promover dissenso no espaço urbano, com o fim de mobilizar política. Atuou na área da pedagogia do teatro em espaços de privação de liberdade e como docente de artes do Ensino Fundamental II na Escola Marista Lúcia Mayrvone.



VESTES LARANJA PARA O OLHO DA CIDADE

Julia Remor de Oliveira

Prof Dr Leonardo Munk | Orientador

O presente trabalho busca por meio da análise dos processos que regem a cidade espetáculo junto à atuação do braço forte do Estado – a polícia – pensar o lugar do cárcere como o fim destinado aos corpos indesejáveis para a higienizada cidade. Nesta perspectiva assumiria aqui um paralelo entre a cidade e a prisão, ambos coreografados e coordenados pela polícia e a lei, tomando-se a permissão de fazer o uso conceitual do termo Artaudiano da cidade e o seu duplo, o cárcere. Cidade e a polícia – vetores de ordem que coexistem – atravessam sobre o corpo do sujeito urbano processos de subjugação, entre os quais há os que se adequam ao sistema de normas e os que as subvertem. Neste processo a lente que subjuga, bisturiza primeiramente a cor demarcando a pele negra como suspeita a priori destinando a ela uma determinada postura.

A busca por este olhar analítico do lado de fora e do de dentro, que seria a cidade e a prisão - falando aqui enquanto mulher branca -, é cercada de privilégios que a cor e a classe a que pertencem me colocam, ou seja, numa posição muito distanciada da realidade da população do cárcere. Porém, o discurso reflexivo parte enquanto professora de teatro que vem atuando dentro do cárcere com arte e é deste lugar que tomo a licença aqui para falar. A narrativa parte de experiências práticas com o teatro acumuladas nestes últimos três anos, em que pude construir junto às mulheres privadas de liberdade, possibilidades para seus espaços de fuga.

Neste resumo expandido busca-se delimitar os campos da pesquisa de mestrado da presente autora, ainda que na fase inicial. É preciso salientar que a base para falar do campo prático da potência da arte no espaço de restrição de liberdade, vem do projeto de teatro na prisão feminina semiaberta do Presídio Regional da Grande Florianópolis,

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas PPGAC/UNIRIO

em Santa Catarina. A prática teatral teve duração de um ano e fez parte de um projeto maior denominado Cárceres Sustentáveis, que atuou entre 2012 e 2014 no mencionado presídio Regional. O grupo foi composto por 20 mulheres que trabalhavam uma carga horária de 8 horas diárias, sentadas costurando sob a pressão de produtividade dos patrões da fábrica têxtil e vinham para o teatro após esta jornada de trabalho. Tivemos como ponto de partida o diálogo com a peça didática do dramaturgo Bertold Brecht, *Baden Baden* sobre o acordo, porém, a proposta de um processo de construção coletiva e horizontal produziu desdobramentos singulares e imprevisíveis, resultando em uma produção artística que dialogou com os enfrentamentos cotidianos das mulheres presas.

A constante violação dos direitos humanos compõe a engrenagem que sustenta a lógica punitiva com a qual operam as instituições prisionais e há especificidades acerca da população carcerária feminina. Frente ao abandono político-social destes corpos sobre os quais se inscrevem as experiências, questiona-se que linhas de fuga – históricas, políticas e artísticas – são possíveis de serem traçadas. A partir de alguns mergulhos nos relatos desta experiência, provocamos a possibilidade de pensar o lugar político que o teatro pode ocupar, acionando procedimentos de criação em espaços de restrição de liberdade e com o recorte de gênero. Segundo Boiteux (2006) o modelo político-criminal desenha estereótipos de um inimigo interno para legitimar a repressão, esta figura estigmatizada seria o traficante de drogas. Concomitante ao aumento da repressão deste inimigo interno temos a flexibilização da punição ao usuário, o que confirma a seletividade pela via racial. A análise da Justiça Global (2016) aponta para o alarmante aceleramento do aprisionamento no Brasil, que passa de 90 mil pessoas presas em 1990 para 622 mil em 2014, inserindo o País entre os países que mais encarceram no mundo, onde há o aumento de pessoas presas em 7% ao ano, chegando à média de aproximadamente 300 presos para cada 100 mil habitantes – o dobro da taxa mundial – o relatório salienta ainda, que apesar do encarceramento em massa o mapa da violência não se alterou.

Agamben (2005) traz em seu livro *Homo Sacer*, a ideia de “vidas matáveis”, em que explica o pressuposto de que o soberano tem o poder decisório sobre as vidas que merecem ser vividas e das vidas que nada valem. No momento em que a vida

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas PPGAC/UNIRIO

abandona sua relevância política na sociedade, torna-se uma “vida nua”, culminando na figura do homo sacer, cuja eliminação no terreno dos homens é impune e no terreno dos deuses, não pode ser oferecida em sacrifício. Partindo da premissa de que eliminar é um esforço positivo para organizar o ambiente (DOUGLAS, apud BAUMAN, 2005), o plano para as cidades-espetáculo, com seus procedimentos estetizantes, atravessa a linha tênue entre planejamento urbano e a eliminação dos indivíduos destinando-os ao cárcere.

O objetivo do trabalho é construir um olhar que seja capaz de analisar criticamente o encarceramento em massa e sua relação com os processos de espetacularização das cidades – viabilizados pelo coreopoliamento. Ao trazer a espetacularização das cidades junto a sua intrínseca relação com o ordenamento policial. Em meio a esta análise pautada no projeto político de seleção dos indivíduos classificados aptos para a liberdade na urbe, temos o aumento vertiginoso da população carcerária especialmente a partir dos megaeventos.

O outro campo da pesquisa encaminha-se para uma análise prático-teórica do teatro feito na prisão, que para este recorte irei trazer os relatos da experiência teatral realizada em 2014 no Presídio Regional de Tijuca na ala feminina, bem como imagens e filmagens realizadas durante o processo. Outra fonte que irá somar a esta análise será o atual projeto de extensão Teatro na Prisão da UNIRIO que faço parte como professora junto a mais 3 integrantes do projeto, onde atuamos com processos de criação em teatro com um grupo de aproximadamente 15 mulheres, no Presídio Talavera Bruce localizado no complexo de Bangu.

Estas experiências que se dão dentro dos cárceres atuam na invisibilidade resultante do território do encarceramento, que silencia e isola não somente os indivíduos, mas também, em proporções bem distintas, os projetos que atuam lá dentro. Por isso a importância de trazer estas narrativas na intenção de valorizar e dar visibilidade para a potência do teatro neste território enquanto dispositivo de subversão da coreografia da punição e obediência, conferindo possibilidades de construção de potências expressivas e corpos vibráteis a estas mulheres privadas de liberdade.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Tradução de Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRITTO, Fabiana Dutra Britto; JACQUES, Paola Berenstein. Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana. In: **Fractal Revista de Psicologia**, volume 21, número 2, Rio de Janeiro, 2009.

BOITEUX, Luciana. **Controle penal sobre as droga ilícitas: o impacto do proibicionismo no sistema penal e na sociedade**. São Paulo: USP Faculdade de Direito, 2006.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

LEPECKI, André. Coreopolítica e coreopolícia. In: **Periódicos UFSC**, V. 13, n.1, jan/jun, 2011. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2011v13n1-2p41>. Acesso em: 15/08/2017.